OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 454

1 DE AGOSTO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

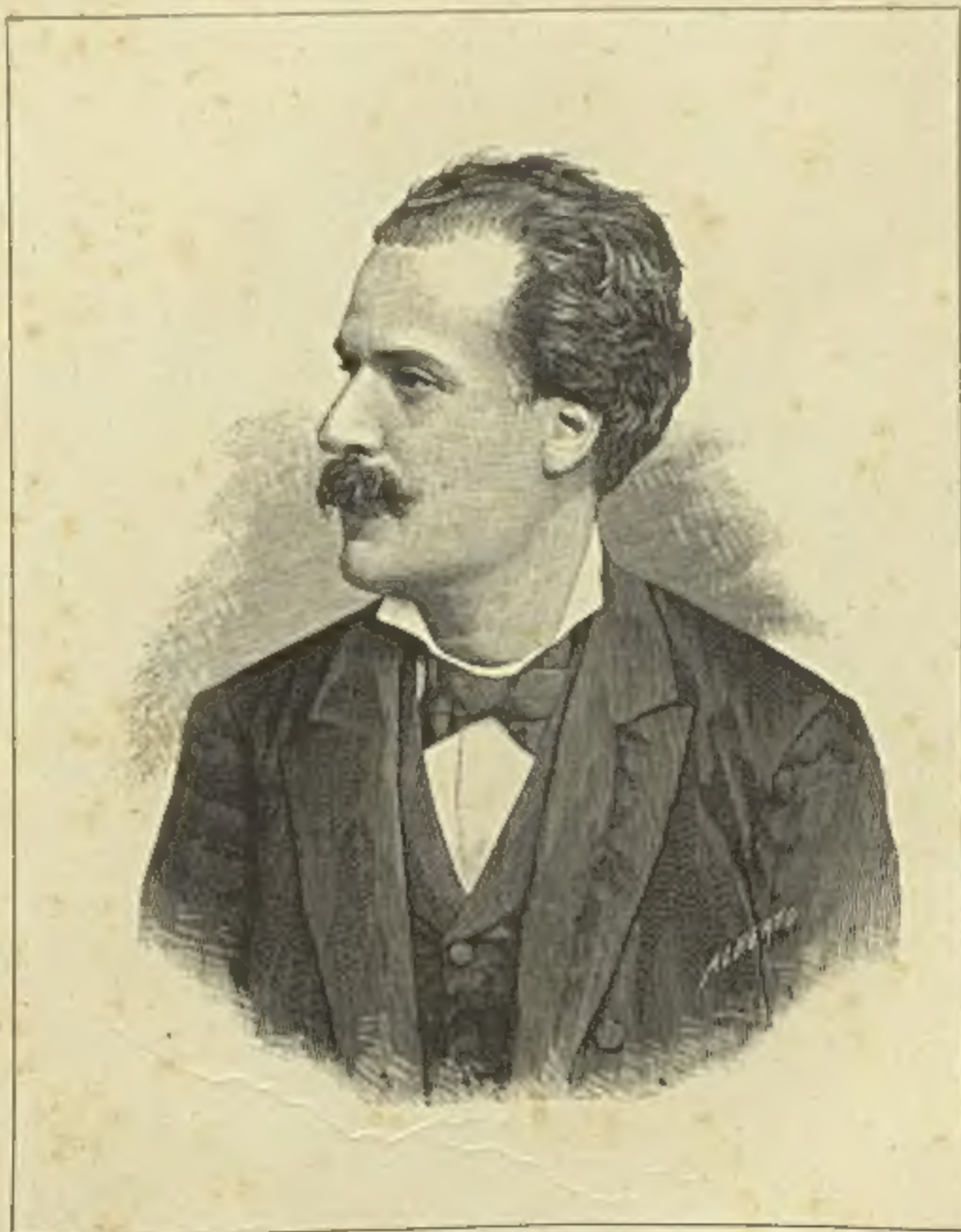
Ha muito tempo já, que nas épocas de exames de instrucção secundaria se erguiam d'aqui e d'ali accusações violentas e queixas indignadas contra a maneira como alguns d'esses exames são feitos, contra o criterio que preside ao julgamento das provas dos alumnos e não raro varios jornaes de Lisboa se tem feito echo d'essas accusações e tem formulado com ellas verdadeiros libellos contra esses exames.

Este anno repetiram-se as mesmas queixas, as mesmas accusações, e tomaram muito maior vulto porque um deputado muito conhecido e muito respeitado pela sua seriedade e pela sua honradez, levou essas accusações ao parlamento, e ahi, no seio da representação nacional, disse alto e bom som tudo o que cá por fóra ha muitos annos se dizia em voz baixa pondo os pontos nos ii e reclamando do governo providencias inergicas contra esse estado de coisas, uma satisfação prompta e cabal á opinião publica seriamente e justamente excitado pelo que ha tanto tempo se diz, se murmura ácerca d'esse assumpto para todos de tão grande e seria importancia.

As accusações feitas no parlamento pelo sr. deputado Francisco José Machado, encontraram ali dentro quem as levantasse, mas apesar d'isso, desde o momento que sobre os examinadores e os professoses do Lyceu de Lisboa se erguia em pleno parlamento uma suspeição grave, tornava se indispensavel, em nome da dignidade d'esses professores, e em nome dos interesses do publico, que o governo providenciasse, que se apurasse o que havia de verdade n'essas accusações, para se castigarem os criminosos, se criminosos ha, para se illibarem os innocentes.

O governo acaba agora de tomar essas providencias, e tomou-as de modo a merecer o applauso de toda a gente.

No *Diario do Governo* de 27 de Julho appareceu pelo Ministerio da Instrucção Publica uma portaria ordenando uma syndicancia immediata ao Lyceu Central de Lisboa e nomeando para essa syndicancia um dos professores mais illustres do nosso paiz, o Dr. Bernardino Machado, par do reino, vogal do conselho superior de Instrucção Publica e lente cathedratico da Faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra.

Não podia ser mais acertada a nomeação, porque o nome do Dr. Bernardino Machado é a mais segura garantia da seriedade, da consciencia, da imparcialidade, do escrupulo com que essa syndicancia será feita, e por isso a portaria do Ministerio da Instrucção Publica foi perfeitamente recebida por toda a gente, que pode em vista d'ella ter a certeza de que essa syndicancia se fará, e se fará rapidamente e dignamente, e não será como tantas outras tem sido mãos cheias de poeira atiradas aos olhos do publico ingenuo.

LUCIANO CORDEIRO, SECRETARIO PERPETUO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

(Segundo uma photographia de Camacho)

* * *

Tenho-lhes já fallado varias vezes no novo livro do sr. Augusto Palmeirim *Os excentricos do meu tempo* vou fallar-lhes ainda hoje d'elle, porque n'estes ultimos dias, tenho-o folheado a miudo, e lido agora um, logo outro, muitos dos seus varios capitulos. E tenho passado quartos de hora deliciosos lendo esses pequenos perfis, essas rapidas biographias, que me fazem transportar a tempos que já lá vão, aos dias da minha infancia, e tornar a viver durante minutos na minha recordação esse tempo já vivido e que tão longe vae.

Por exemplo, um dos excentricos em que falla Palmeirim o *Leal de Gusmão*, era um dos bons conhecimentos da minha meninice, apesar entretanto de nunca o ter visto.

O Leal de Gusmão era muito das relações de familia da minha pobre mãe, que me contava d'elle e das suas rati-

ces, immensas historias com que eu fui quasi que emballado.

O Leal de Gusmão era pobre, não tinha vintem, mas tinha prosapia, e gostava muito de figurar de rico.

Uma vez minha mãe e minhas tias tinham ido com o meu avô, de visita a casa do Leal de Gusmão.

Era de manhã e o Leal de Gusmão estava apreçando uma pescada para o seu jantar.

Tinha um creadito pequeno, um garoto a quem pagava em cacholetas o serviço que elle lhe fazia.

— Diz-lhe lá que dou doze vintens pela pescada, ordenou o Leal de Gusmão ao criado, passando a receber as suas visitas.

D'ali a pedaço o rapazito voltou com a pescada.

— Olhe, sr. Leal de Gusmão, deu a pescada.

— Bom, bom, põe lá para dentro, para a cosinha, disse o Leal de Gusmão continuando a conversar.

Momentos depois o criado voltou, e por detraz das minhas tias principiou a fazer signaes ao patrão.

Leal de Gusmão ao principio fingiu que não via, mas como o rapaz persistisse nos seus signaes e minhas tias começassem a reparar n'isso, voltou-se para elle:

— O' garoto, põe lá a pescada na cosinha.

— Sim senhor, mas... E o rapaz fazia com o dedo polegar e o indicador o gesto de dinheiro.

— Vae-te embora, patife. Põe lá o peixe na cosinha...

O rapaz insistiu ainda um pedaço, mas como o patrão insistisse tambem na sua resposta e começasse já a enfurecer-se foi-se embora.

D'ali a nada ouve-se na rua o pregão do homem da hortaliça.

O Leal de Gusmão chama o creadito e manda-o lá abaixo ver o que o homem levava, hortaliça, ervilhas e fructa.

O rapaz foi, voltou com uma abbada de coisas para o patrão vêr. Ajusta-se o preço.

— Bom agora põe lá isso na cosinha e diz á criada que faça sopa d'hervas, que descasque as ervilhas que é para fazer com frangos.

— Sim senhor, mas...

E o rapaz, por de traz das minhas tias repetiu o signal de dinheiro.

— Garoto... põe já isso na cosinha! gritou o Leal de Gusmão.

E voltando-se para minhas tias desculpou-o.

— V. Ex.as não façam caso, isto de rapazes são uns garotos...

Momentos depois passa pela rua um homem a apregoar gallinhas.

— O' rapaz, vae lá abaixo e vê se elle leva frangos...

O rapaz foi.

A mesma scena exactamente.

Entretanto o dia que estava bom começa a entroviscar-se e d'ali a nada cae uma chuva torrencial.

Meu avô quer-se ir embora com os filhos, mas chove a potes e não ha maneira do pôr pé na rua.

O Leal de Gusmão, corta logo a difficuldade.

— Não senhor, V. Ex. não se vão embora... Deixem passar a chuva, e jantam commigo.

Meu avô não queria acceitar, mas o Leal de Gusmão insiste, formalisa-se, toma isso por uma desfeita.

— Bom, então está dito jantamos.

— Olhe, sabem já o que é o meu jantar, sopa d'hervas, pescada cosida, frango com ervilhas...

Entretanto approxima-se a hora de jantar.

E a cosinheira nada de pôr a mesa.

— O' Annica, grita o Leal de Gusmão: Então não pões a mesa!

— A mesa para que?

— Para que! Para jantar, essa não é má.

— Para jantar!

— Sim, então para que havia de ser?

— Jantar! Jantar o quê? O senhor não tem que jantar.

— Não tenho que jantar?

— Não senhor; nada pela palavra nada!

— Então a pescada!

— Qual pescada?

— As ervilhas?

— Quaes ervilhas?

— Os frangos?

— Quaes frangos?

— Então o rapaz não levou tudo isso lá para dentro?

— Não senhor, eu não levei nada, diz o creado, o senhor não me deu dinheiro para pagar.

— Bregeiro!... Garoto!... Tratante! Vocifcrou Leal de Gusmão, correndo atraz do rapaz.

E voltando-se para o meu avô:

— Vê!... O que se hade fazer a um tratante d'estes!... Eu deito-me a perder.

— Então, então, senhor Leal de Gusmão, deixe lá o rapaz...

— Tem rasão! Vou jantar a sua casa, porque se ficasse em casa com este garoto deitava-me a perder.

E foi jantar a casa de meu avô.

*

* *

Tenho ainda mais historias do Leal de Gusmão mas ficam para outra vez que o espaço está a faltar-me.

Tinha ainda que fallar d'um acontecimento gravissimo que está causando profunda sensação em Lisboa, o crime do convento das Trinas.

Pela sua natureza especial porem esse crime está fóra dos assumptos que devem figurar n'estas chronicas, e alem d'isso por emquanto não ha nada de apurado definitivamente, e é tão melindroso e grave o caso que não podemos d'elle fallar senão quando tivermos factos averiguados, positivos sem que possamos assentar os nossos commentarios.

Gervasio Lobato

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

I

Assim como por muito tempo se disse que Portugal era o duque de Saldanha, nós poderiamos hoje definir a nobilissima agremiação cujo titulo serve de epigraphe a este artigo, por esta simples phrase:

— a Sociedade de Geographia é Luciano Cordeiro!

Quem ha ahi que, de noite ou de dia, visite a Sociedade e que não veja logo Luciano Cordeiro?

Quem resolve todas as difficuldades, todos os emperramentos que a cada passo encontra a iniciativa individual, o verdadeiro amor ao paiz, o fomento das artes ou das sciencias?

Quem tornou aquella agremiação um nucleo de trabalho, de esforço nacional em favor da propria nacionalidade, senão Luciano Cordeiro?

Quando *os politicos* fizeram estalar sobre Lisboa *o ultimatum* inglez, poucos de todos nós podem hoje avaliar a actividade, o correcto expediente, a incansavel dedicação civica d'este homem singular que tem a desgraça de viver n'um meio de inacções e invejas, de rethorica sobre um passado historico, e de continuadas cobardias no presente.

E' por isso que é impossivel fallar da Sociedade de Geographia sem que ao ouvido nos detone o nome do homem que pelo seu extraordinario talento, possuidor de um espirito productor electrico, como um norte-americano, inventivo e encyclopedista.

No remanso que lhe permitte a sua vivaz organisação, escreve tomos historicos que não são romances, como os de Rebello da Silva ou Dumas pae, mas verdadeiros repositorios sobre a lenda, a tradicção, o documento em pergaminho, em pedra em bronze, em livro, como a *Soror Mariana* e a *Senhora Duqueza*; em seguida o historiador passa a observar o mundo moderno e dá-nos o *Segundo livro de critica*, o *Casamento dos Padres*, *Os bancos portuguezes*. *A crise e os bancos* (1876). *Os bancos e seus directores*; logo alem, é a arte que o tenta, e temos *Estros e palcos*. *A sciencia dos pequeninos*, *Da arte nacional*. *Thesouros d'arte*, *Da litteratura como revellação social*; depois senta-se á sua banca de secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, e, logo em apoz, caem no regaço do publico: *Portugal e o movimento geographico moderno*, *L'hydrographie africaine*, *De la part prise par les portugais dans la decouverte de l'Amerique*, *Marinha e Colonias*, *Memorias do Ultramar*, *A questão do Zaire*, *Direitos do padroado em Africa*, etc.

E imaginam que Luciano Cordeiro só publicou estes trabalhos? Completo engano. Estes são apenas os que a minha rebelde reminiscencia poude reter.

E' principalmente no modo como arranca da obscuridade um nome de benemerito e o lança ao publico com mão firme e arrojada que Luciano Cordeiro é verdadeiramente prodigioso. Quantos religiosos, militares e civis houve em completo olvido, que foram obscuros mas prestimosos obreiros do nosso grandioso edificio colonial, e que Luciano Cordeiro trouxe á publicidade!

Prestada pois a homenagem ao patriotico trabalhador tentemos apresentar a sua obra immorredoura.

II

A Sociedade de Geographia foi fundada em Lisboa no dia 29 de janeiro de 1876. Deve ser esta a data da sua legal fundação; porque o projecto inicial de 10 de novembro de 1875, assignado por setenta e tantos fundadores, angariados por Luciano Cordeiro no que então havia de mais distincto nas lettras, na arte, na industria, no exercito de terra e mar e no commercio, não constituia por isso a sua fundação; e pelo mesmo motivo não podemos acceitar a de 31 de dezembro de 1875 que é quando foram assignados os estatutos.

Portanto, em 29 de janeiro de 1876, quando o sr. Cau da Costa então governador civil de Lisboa, approvou os estatutos da Sociedade, é que esta ficou legalmente constituida.

A commissão installadora era composta de cinco membros os srs. Luciano Cordeiro, E. A. de Bettencourt, Candido de Moraes, Candido de Figueiredo e R. A. Pequito, celebrando a sua primeira sessão em 3 de abril.

O primeiro presidente que teve a Sociedade foi o actual conde de S. Januario, tendo por secretarios Luciano Cordeiro e João Capello.

A primeira residencia da Sociedade foi na rua do Alecrim, no segundo andar por cima do centro progressista, depois na rua Capello, ultimamente na rua Ivens, e agora no palacio das Chagas de que é proprietario o sr. Carvalho Monteiro.

Actualmente esta util instituição tem mil e seiscentos socios alem de oito *socios honorarios* que são os exploradores africanos e o presidente da direcção é o digno contra-almirante Antonio do Nascimento Pereira Sampaio.

Luciano Cordeiro é secretario perpetuo.

A Sociedade está dividida nas seguintes commissões: *Africana*, de que é presidente Luciano Cordeiro; *Asiatica*, presidente Vasconcellos d'Abreu; *Caminhos de Ferro* Pedro Ignacio Lopes; *Commercial e Industrial*, J. Moreira Marques; *Direito internacional maritimo e commercial* Henrique Midosi; e *Illuminação e balisagem*, Agostinho Pacheco Leite de Bettencourt.

Ha ainda as secções: agricola, anthropologica, cartographica, botanica, ensino geographico, estatistica, geodesia e chorographia, geologica, de geographia historica, de geographia mathematica, geographia militar, de minas, de nautica e hydrographia, de geographia physica, geographia politica, sciencias ethnicas, e zoologica.

E' esta acertada distribuição de trabalho, pelos homens especialmente competentes em determinadas sciencias, que dá grande força e auctoridade á Sociedade de Geographia de Lisboa.

Hoje a Sociedade occupa, como dissemos, o senhorial palacio das Chagas que se ergue n'um dos pontos de vista mais encantadores de Lisboa.

Passado o atrio, e de forma circular depara-se-nos a galeria *Silva Porto*, em volta da elegante e magestosa escadaria.

No rez-do-chão tem as installações das salas do *Condestavel Gil Eannes*, *Diogo Cam*, *Bartholomeu Dias*, *Vasco da Gama*, *Alvares Cabral* e *Corte Reacs*; no primeiro andar são as salas de *Portugal*, *da India* onde estão as tres cadeiras historicas em que se assentaram el-rei D. José I, o marquez de Pombal e a rainha quando assistiram á inauguração da estatua equestre, na Praça do Commercio, a sala de *Macau e Timor*, *Angola*, *Cabo Verde*, *Moçambique* etc.

E' n'este andar que ficaram installados, a bibliotheca que occupa algumas salas, a direcção, a thesouraria, sala das sessões a secretaria, etc.

Manuel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

MUMIFICAÇÃO METALICA GALVANICA

O dr. Varlot, um dos mais distinctos medicos dos hospitaes de Paris, inventou ha pouco a maneira de obter mumias indestructiveis, empregando para esse fim a galvanoplastia ou seja a *antropoplastia galvanica*.

Colloca-se o cadaver que se quer galvanisar no meio de uma especie de grade dupla e cruzada, a meio da qual ha um eixo que atravessa o cadaver no sentido vertical, conforme se vê na gravura. O cadaver é então sujeito a uma corrente

electrica gerada em tres baterias, systema Chandrou. Antes de emergir o corpo no apparato, recobre-se a pelle com uma solução de nitrato de prata por meio de um polvorisador até que a pelle fique preta, em seguida o cadaver é sujeito a acção de vapores de phosphoro branco disolvido em sulphuro de carbone, e logo que estes vapores tenham reduzido a capa de nitrato de prata que reveste o corpo, a pele tomará a cor de branco gris semelhante a cor do gesso, transformado assim em um bom conductor de electricidade.

Feito isto procede-se immediatamente á mumificação metalica, mettendo o apparato com o cadaver dentro da tina com banho de sulphato de cobre, conforme se representa na gravura, e sujeito á corrente electrica começa a operar-se o deposito metalico sobre o cadaver, cobrindo-se pouco a pouco de uma camada de cobre, devendo o operador regular as correntes electricas de modo que o deposito de cobre se faça em maior ou menor escala conforme as partes do corpo mais delicadas, como são a cabeça os pés e as mãos.

Vigiando convenientemente esta operação, obtem-se um molde prefeito do cadaver com todos os seus promenores, e de uma espessura conveniente.

Não é facil prever qual o futuro que está reservado a esta invenção do dr. Variot, da mumificação indestrutivel dos cadaveres, parece nos, porem, que as leis immutaveis da natureza prevalecerão, e que não deixarão de se cumprir as palavras do Evangelho: *Pulvis es, et in pulvarem reverteris.*, como muito bem diz o articulista d'onde extractamos esta noticia.

RETRATOS DE PORTUGUEZES

NO MUSEU DE BELLAS-ARTES DE FLORENÇA

Um dos objectos mais dignos de attenção em Florença, tão rica em todo o genero de obras artisticas, é a chamada Galleria degli Uffizii, a qual occupa o primeiro andar do palacio d'este ultimo nome, situado junto da praça da Signoria ou do Gran Duca, hoje do Municipio, e do monumental Palazzo Vecchio.

A frente d'aquelle grande edificio construido por Vasari, de ordem do gran-duque Cosme 1.º, e destinado a alojar diversos tribunaes, d'onde lhe vem a denominação, deita para o sul, para o Lungarno, extensa e bella rua, que acompanha o Arno, atravez da cidade, no seu comprimento, ornada por um lado de construcções publicas e particulares, muitas notaveis, e pelo outro de uma cortina de pedra que permitte desfrutar a vista do rio. Da frente partem na direcção do norte dois longos corpos, eguaes a ella na architectura, que vão findar na praça do Municipio. Entre estes e o da frente ha o portico, aberto do lado da dita praça e aformoseado com estatuas de florentinos celebres.

Não se imagina a immensa quantidade de esculpturas, pinturas, desenhos, gravuras, pedras preciosas, medalhas, etc., que encerra este magnifico museu de bellas-artes; nem levamos intento de descrevel-o; porque ainda que para isso fossemos competente, não o poderiamos fazer pelo pouco tempo, que, infelizmente, consagrámos á sua visita, e porque o nosso fim é outro e muito mais modesto, como se deprehende do titulo da presente noticia. Bastará dizer para mostra da sua grandeza e valor que as duas galerias correspondentes aos dois corpos lateraes medem: a de léste 149 metros de comprido, e a de oeste 146 1/2; e a que corresponde ao da frente, o do sul, que as liga, 39 1/2; que estão cheias, assim como as salas que na maior parte as ladeiam, não fallando nos vestibulos e nos corredores da entrada, de variadissimas preciosidades artisticas; e que n'elle se encontram representadas abundantemente a esculptura e a estatuaria, e sobretudo a pintura das escolas italianas e estrangeiras.

A Galleria degli Uffizii tamanha e tão opulenta, como se acaba de ver, une-se a outra, quasi toda de pinturas, contendo uns quinhentos quadros, entre os quaes ha poucos de segunda ordem, menos extensa que a primeira, porem de obres mais escolhidas, e de salas mais ricas e bem adornadas: a galeria do palacio Pitti, palacio grandioso, sito do outro lado do Arno, começado no meio do seculo 15.º pelo celebre Brunelleschi, de ordem de Lucas Pitti, o famoso antagonista dos Médicis, e que serviu modernamente de residencia ao rei Victor Manuel, quando Florença foi capital do reino de Italia.

Os dois museus communicam-se por uma successão de corredores que, partindo de ambos, chegam ás margens do Arno, e o atravessam sobre a ponte denominada Ponte Vecchio. Esses corredores, que não se andam em menos de dez minutos, adornam-se com uma infinidade de desenhos originaes, de estampas, e de retratos, cuja quantidade e variedade confunde a vista e descoroçoa a mais provada paciencia. Os desenhos que se guardam n'esta secção muitos são de preço e de grandes mestres; e computam-se em 33:000; as estampas andam por 10:000; dos retratos não sabemos o numero, mas é tambem muitissimo consideravel.

Quasi todas as pessoas que visitam a Galleria degli Uffizii e depois o palacio Pitti preferem sahir por aquella, situada na porção mais importante e mais central da cidade, a fazerem o pelo palacio, que está como expuzemos, na margem opposta e na porção mais pequena e menos importante; a não ser que aproveitem a occasião para examinal-a, e principalmente para, seguindo a estrada de circumvallação por aquella parte, desfructarem os bellos panoramas que ella offerece até á praça de Miguel Angelo, sobranceira ao rio; hypothese pouco provavel, pois a visita á galeria e ao palacio, por mais superficial que seja, deixa tão satisfeito quanto fatigado o espirito e com elle o corpo, e não consente outra digressão.

O mais usual, portanto, é percorrer o lado oriental da galeria e as salas que lhe correspondem; depois o do sul, e, passando d'ahi ao do occidente, ver o principio d'elle e as salas da escola veneziana de pintura, das medalhas e das estampas, seguir pelo corredor que lhe fica em frente, o primeiro dos que communicam a galeria com o palacio, seguir pelos outros até ao palacio, e, visitado este, voltar pelo mesmo caminho á galeria, e acabar de examinar o seu lado occidental e as salas que lhe pertencem.

Assim fizemos nós, e como julgamos acontece a quasi todos, n'esta nossa rapida visita, a secção disposta nos corredores mereceu-nos pouca attenção, da primeira vez que os atravessamos porque, impaciente de chegar ao museu do palacio, não queriamos esperdiçar o tempo, e da segunda porque tinhamos que ver ainda o resto da galeria e para isso mal nos chegavam as horas restantes. Sacrificamos pois o secundario ao principal.

E quem não procederá d'esta maneira, a não ser que se demore em Florença muitos e muitos dias, ou que por motivos especiaes precise examinar ou estudar aquella secção? Quem, ainda dispondo de muito mais vagar do que nós dispunhamos, poderá aprecial-a, sequer de corrida, depois de ter os olhos deslumbrados de tantas obras-primas das bellas artes: de Raphael, Perugino, Sebastião del Piombo, Ticiano, Guercino, Guido, Mantegna, André del Sarto, Julio Romano, Miguel Angelo, Paulo Veronese, Leonardo da Vinci, dos dois Lippis, de Ghirlandaio, de Tintoreto, do Parmesano, de Luini, Salvador Rosa, Rembrandt, Gerard Dou, Rubens, Alberto Durer, Van Dick, Holbein, dos dois Teniers, de Poussin, Wateau, e tantos e tantos outros?

Entretanto, quando pela segunda vez percorremos os corredores, fomos parando aqui e alli, quasi ao acaso, defronte de um ou outro desenho, de uma ou outra estampa, de um ou outro retrato; e ainda bem que o fizemos, porque d'ahi se nos originou um grande prazer: porque n'essa revista a vapor encontrámos quatorze retratos de portuguezes notaveis. E' incrivel o alvoroço que nos causou tão imprevisto e agradavel achado n'aquelle logar, n'aquella terra estrangeira; tamanho, que ficamos preso diante d'elles, sem nos lembrarmos nem do tempo que voava, nem das maravilhas que viramos, nem das que tinhamos de ver ainda.

Não despertaram o nosso enthusiasmo esses quadros pelo seu merito intrinseco; parece-nos que o têem limitado; outros, entendedores da materia, que o decidam; mas só por nos representarem, mediante o pincel, alguns d'aquelles nossos irmãos que ajudaram a libertar-se a patria com as espadas gloriosas da fatal e prejudicialissima união á Hespanha, á Hespanha, que nos roubou os nossos cofres e arsenaes, despovoou os nossos campos, sacrificou os nossos soldados nas suas guerras da Europa, graças ás quaes perdemos grande parte do nosso dominio colonial, e nos carregou de tributos e nos privou da independencia, resultado final de todas as uniões das nacionalidades pequenas com as grandes que acabam por absorvel-as, como bem prova a historia das epochas antigas e modernas.

Os retratos representam as seguintes pessoas:

Gil Vaz Lobo. — Foi alcaide-mor de Cintra, um dos conspiradores de 1640 e mestre de campo general na guerra da restauração.

O conde da Ericeira. — Não sabemos se o 2.º, D. Fernando de Menezes, se o 3.º, seu irmão, D. Luiz de Menezes, se o 4.º, filho d'este, D. Francisco Xavier de Menezes. Todos foram benemeritos da patria na paz e na guerra, e todos escriptores. Os dois primeiros tomaram parte conspicua nas campanhas da restauração: D. Fernando desde o seu principio; D. Luiz desde 1650; o ultimo, posterior a ellas, na da grande alliança ou da successão de Hespanha. Entretanto inclinamo-nos a crer que o retrato será de D. Luiz, o auctor do *Portugal restaurado*, por ter representado maior papel, já nas armas, já nas lettras, já na politica.

Pedro Jaques de Magalhães. — Foi 1.º visconde de Fonte-Arcada, general de artilheria da provincia do Alemtejo, governador das armas da da Beira; teve muito quinhão nas victorias das Linhas d'Elvas, do Ameixial e de Montes-Claros, e em 1644 obrigou o duque de Ossuna a levantar o cerco de Castello Rodrigo, derrotando-lhe todo o exercito.

O marquez de Fronteira. — Naturalmente o 1.º, D. João Mascarenhas, que foi mestre de campo, mestre de campo general, e general de cavallaria na guerra da restauração, e grão prior do Crato.

O conde de Alegrete. — O 1.º e unico, Mathias de Albuquerque, o immortal vencedor da batalha de Montijo.

Diniz de Mello e Castro. — O principal instrumento da tomada de Valença de Alcantara, e que tanto se distinguiu nas campanhas da restauração.

O marquez de Marialva. — O inclito vencedor das batalhas das Linhas d'Elvas e de Montes Claros, a ultima das seis maiores que ganhámos aos hespanhoes.

André de Albuquerque. — General de cavallaria e mestre de campo general da provincia do Alemtejo, um dos mais valorosos e mais scientes cabos de guerra d'aquelle tempo.

O conde de Villa Flor. — O defensor de Elvas, o insigne vencedor da batalha do Ameixial, o restaurador de Evora.

O conde de Villar-Maior. — Provavelmente o 2.º, Manuel Telles da Silva, que tomou tanta parte n'este celebre feito d'armas, porem mais conhecido como védor da fazenda, e embaixador a Allemanha, e pela sua *Vida de D. João 2.º*, em latim.

O marquez de Tavora. — Deve ser Luiz Alvares de Tavora, 1.º marquez de Tavora, general de cavallaria nas provincias de Entre Douro e Minho e Traz os-Montes, e depois governador das armas d'esta provincia, que serviu na guerra da restauração com valor e felicidade, e que por esses serviços alcançou aquelle titulo.

Tristão da Cunha. — Militou na mesma guerra; foi governador das armas da provincia de Traz-os-Montes e capitão general do reino de Angola.

Salvador Corrêa de Sá. — Ha mais de um individuo d'este nome na familia dos viscondes de Asseca; mas julgamos que o do retrato é Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que outras vezes temos encontrado sem o ultimo appellido, o intrepido governador do Rio de Janeiro e de Angola, o libertador d'esta grande possessão ultramarina do poder dos hollandezes.

O conde de S. Lourenço. — O 2.º, é de crer; Martim Affonso de Mello, um dos escolhidos para a acclamação de D. João 4.º, por varias vezes governador das armas da provincia do Alemtejo, posto que exercitou com valor, prudencia e singular disciplina.

Ignoramos a proveniencia d'estes retratos. Por ventura formaram uma collecção ou parte de uma colleção particular. Estão collocados juntos, ou pelo menos proximos, e do lado direito, indo da galeria para o palacio, se nos não falha a memoria. Estas indicações são insufficientes; mas bastam como advertencia aos que visitarem Florença e tiverem conhecimento das presentes linhas. Não foi outro o motivo que nos levou a escrevel-as.

Ramos-Coelho.

A HERANÇA DO BASTARDO

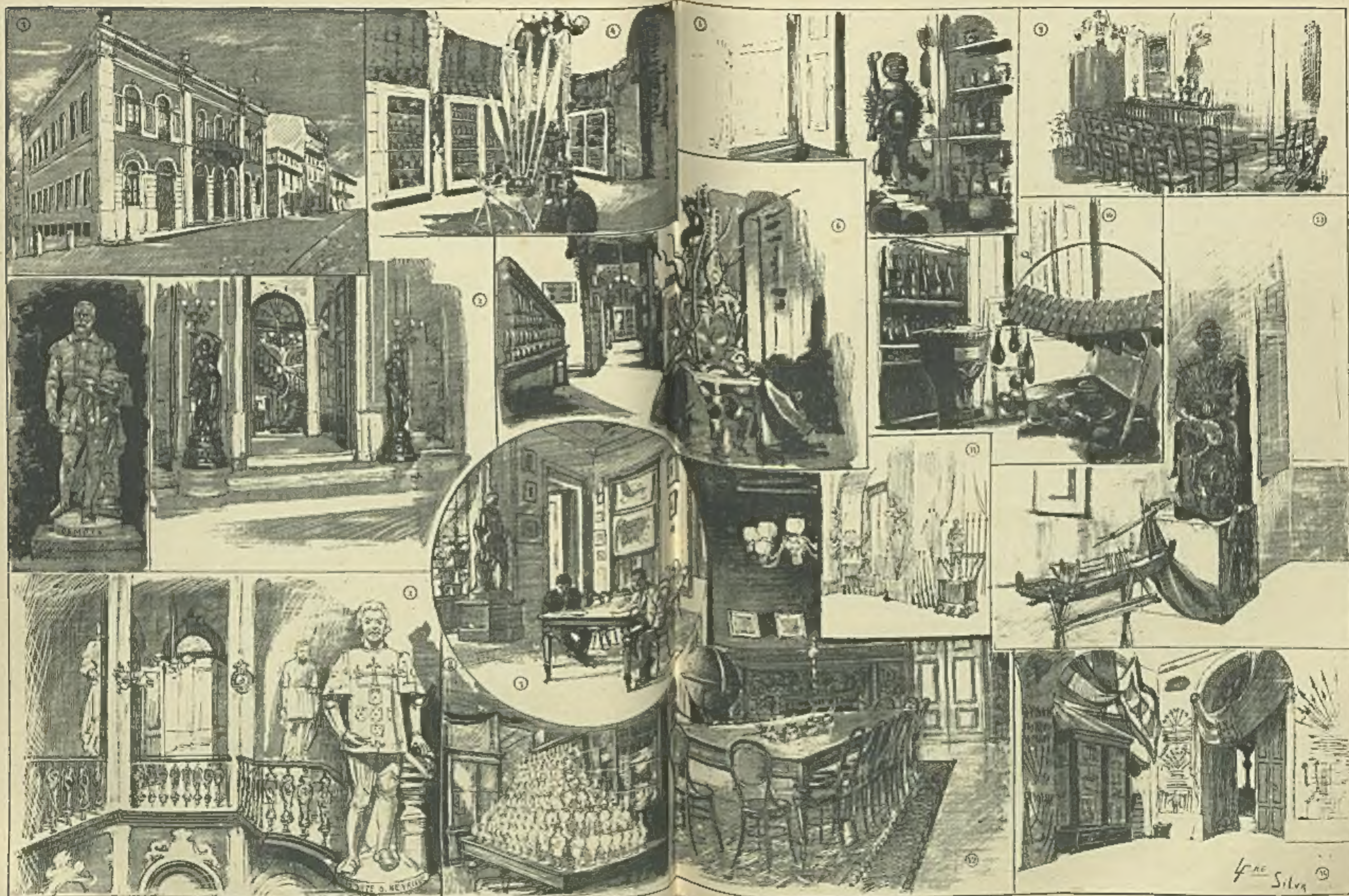
Romance original

XI

ASSALTO AO CONVENTO

No programma das represalias de Junot entrava a violação dos conventos, os sacrilegios de toda a especie; e, muitas vezes, as proprias religiosas, eram victimas dos insultos bestiaes da soldadesca, sem que os rogos nem as supplicas fossem sufficiente defesa á sua honestidade barbaramente sacrificada.

Os conventos de Nossa Senhora da Esperança e Santa Clara, e o collegio dos jesuitas de S. Sezinando foram invadidos; porem, o maior numero

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

1 Vista exterior do edificio. — 2 O vestibulo. — 3 Pateo de [illegible] — 4 Sala Gil Eannes. — 5 Feitiço justiceiro, (museu africano).
6 Sala Diogo Cam. — 7 Sala de leitura. — 8 Sala Vasco da Gama. — 9 Sala de Portugal. — 10 Marimba [illegible] (museu africano). — 11 e 14 Sala do Condestavel. — 12 Sala da India. — 13 Feitiço dos casamentos, (museu africano).

([illegible] Pastor e Silva)

de soldados dirigiu-se logo pela rua dos Infantes em direcção ao convento de Nossa Senhora da Conceição, talvez por suspeitarem que, sendo esta instituição de dois infantes, D. Brites e D. Fernando, paes de D. Manuel, os quaes têem jazigo na capella-mór, a ordem fosse das mais ricas, afigurando-se portanto ali a colheita mais avultada e tentadora.

Chegados ao convento mandaram intimar pela irmã rodeira, á abbadessa, que lhes fossem entregues todas as pratas e alfaias, ou aliás violentariam a entrada, e a communidade seria obrigada a entregar-lhes pela força o que não quizesse entregar-lhes voluntariamente.

A irmã rodeira, tranzida de medo, foi communicar a intimação recebida, porem, tendo-se a superiora negado a satisfazer tão audaciosa intimação, a portaria vôou em pedaços pelas coronhadas, e os soldados francezes invadiram promptamente os claustros, soltando gritos estridentes e de mistura phrases de ameaça, com variantes de insolentes chocarrices.

As religiosas estavam reunidas no côro, entregues á oração da tarde; Anna entre ellas, parecia tambem absorvida na prece Divina, mas o seu pensamento estava bem longe d'aquelle logar.

Pensava em Luiz.

De repente o tropel dos soldados, que n'aquelle momento se espalhavam pelas arcarias do convento ou subiam as escadas, echoou no templo e produziu nas religiosas um terror indiscriptivel.

Os canticos pararam, e ao grito — *São os francezes* — todas se ergueram, como que impellidas pela mesma mola, e fugiram a procurar abrigo nas suas cellas.

Na casa do Capitulo tudo era confusão e desordem.

Um official francez ordenava aos soldados que arrombassem as arcas, os armarios e outros moveis que se encontravam n'aquella, e em outras salas visinhas, e tirassem d'elles as pratas e todos os objectos de valor, não esquecendo a mais insignificante alfaia, e os enfardassem nos saccos de sarapilheira, que outros haviam ido buscar ás dispensas do convento.

A superiora assistia impassivel a esta descarada pilhagem.

Mas o que fazer? Como se oppor?

Nas cozinhas alguns soldados e dois officiaes, depois de terem comido e bebido fartamente, entretinham-se a deitar para a cerca os viveres que encontravam, emquanto outros entravam na adega e abriam os toneis para despejarem o vinho, partindo garrafas e fazendo varios disturbios.

Depois, como se a embriaguez lhes tivesse despertado lubricos desejos, aventuraram que seria melhor ir ver onde se tinham escondido as reverendas madres, que naturalmente, tambem pela sua parte, haviam de estar com curiosidade de conhecer se o soldado francez tinha nas pelejas do amor, o mesmo fogo e valentia que usava nos campos da batalha.

Os que se poderam levantar resolveram-se a ir em procura das fugitivas; mas como a noite tinha succedido, andaram por muito tempo errantes pelos claustros, até que o acaso levou alguns ao pavimento onde estavam estabelecidas as cellas, surprehendendo sete religiosas, que, menos previdentes, se haviam juntado para mutuamente, refugiadas na rouparia, defenderem-se do inimigo, esquecendo de apagar a luz que as denunciou pela porta entreaberta.

A approximação dos ebrios incita-as a fugir, porem este expediente acirra mais os instinctos preversos dos seus perseguidores, e ao contrario do que dizia o nosso grande epico.

> «*Fugindo as nymphas vão por entre os ramos*
> *mas mais industriosas, que ligeiras,*
> *pouco a pouco, sorrindo, e gritos dando*
> *se deixam ir dos galgos alcançando...*»

aquellas, subjugadas pela força, são sacrificadas, cruel e ferozmente, umas á brutal concupiscencia dos seus algozes, outras aos seus sanguinarios instinctos, pagando com a vida a resistencia heroica feita em defeza da honra ultrajada.

Foi por sua vez, libertando-se dos braços herculeos de um soldado, a quem o alcool havia roubado já em grande parte as forças physicas, que uma das religiosas com o habito despedaçado, os cabellos desprendidos, consegue fugir para o corredor, alcançar a escada e d'alli embrenhar-se nos claustros onde a escuridão era grande.

Se podesse alcançar a portaria sem ser vista dos francezes, é possivel que a sua salvação não fosse uma cousa irrealisavel.

Mas se nos pontos por onde tem fatalmente de passar depara com algum grupo d'esses monstros sedentos de amor e de sangue, que andam espalhados por todas as dependencias do convento, cantando com voz avinhada alguns trechos das suas musicas favoritas?

Certamente toda a prudencia seria pouca, porque de um tal encontro não seria tão facil sair cantando victoria como dos braços do seu primeiro perseguidor.

E n'estes sobresaltos, parando a cada momento para escutar o echo produzido por alguns passos distantes, mas que lhe pareciam vir ao seu encontro, que ella advinha o portão entreaberto.

Está ali a salvação na liberdade.

De fóra não vem rumor algum. A cidade parece estar adormecida.

Se a saida está livre, se qualquer sentinella não substituiu a irmã rodeira, só terá de abençoar aquella catastrophe que lhe abriu outra vez as portas do mundo.

E Anninhas, porque era ella, offegante, comprimindo com a mão o coração que parecia querer saltar-lhe do peito, prosegue cautelosamente sem que os seus pés produzam o minimo rumor, e assim consegue approximar-se mais alguns passos da saida desejada, quando na sua passagem se atravessa de repente um vulto embuçado e com o chapeo tão carregado para a cara que é difficil advinhar-lhe o rosto.

— Onde vae?

Anninhas recuou. Não era d'um francez aquella pergunta, e comtudo o sangue parou subitamente de girar-lhe nas arterias, e as pernas vergaram-se-lhe como se de repente as forças a fossem abandonar.

Não se enganava.

Aquella voz não era de um francez, é certo, porem reconhecia-a perfeitamente no fim de tantos annos.

Tinha na presença o seu inimigo mais figadal, mais terrivel, aquelle a quem devia a clausura de sete longos annos, e que no momento em que julgava poder recobrar a liberdade, vinha como seu carcereiro inflexivel tomar-lhe a passagem e perguntar-lhe onde ia.

Mas então como que um relampago illuminou subitamente o cerebro de Anninhas.

Voltaram-lhe as recordações do passado e com ellas as imagens de Luiz e de seu filho.

E sem se importar com as consequencias, fossem ellas quaes fossem, respondeu desabridamente, como quem tem a consciencia da sua superioridade physica e promptamente se arrisca a tudo:

— Preciso sair, quero sair!

— Opponho-me a que o faça.

— Com que direito?

— Com o direito do mais forte. E tirando do bolso uma pistola Claudio de Castro apontou-a á cabeça da morgada, a quem p'la voz acabava de reconhecer.

Anninhas recuou!

— Tenta assassinar-me?

— Preciso assegurar d'uma vez para sempre ao mundo que a senhora é morta, e, como a occasião se presta a isso, sem que me possam apontar como assassino, creia que hei de aproveital-a.

— Ter-lhe-hia sido mais facil desfechar sem me prevenir.

E Anninhas mostrando conformar-se com a situação que lhe impunham, cruzou os braços silenciosamente, parecendo disposta a não usar dos meios violentos.

— Matal-a era cousa facil, acrescentou o morgado, e é para isso que ha uma hora ando ao acaso percorrendo o convento. Não colhendo nenhum resultado vim então guardar a saida. Poderia ser que os francezes se tivessem anticipado no meu plano. Elles quando estão embriagados não respeitam mulher de especie alguma, e talvez de procurassem obter á força o que pela vontade não lhes fosse cedido. Ora a senhora havia de querer resistir, havia de não se querer macular, não por amor de mim, bem sei, mas por amor do seu Luiz e do seu filho. A resistencia traria a lucta e um assassinio demais ou de menos é cousa que não embaraça os soldados de Napoleão, quando se trata de vencidos. Não o quiz porem a minha boa estrella, foi melhor assim. Antes de a enterrarem haviam de revistar-lhe os fatos que veste e n'elles talvez encontrar as suas ultimas disposições, ou algum documento pelo qual mais tarde fosse obrigar-me a entregar a fortuna que lhe pertencia.

— Não se enganou, fiz um documento authentico em que provo debaixo de juramento a filiação de uma creança do sexo masculino, nascida no solar de Louredo e pelo sr. entregue a uns ciganos nas vesperas de ser aqui enclausurada. Mais juro que entre mim e o senhor nunca se haviam dado as relações usuaes entre marido e mulher, e que constituindo esse facto a nullidade do casamento, a creança em questão, deixa de ser filho adulterino e só é illegitimo emquanto seu pae o não reconhecer como eu o faço, legando-lhe todos os meus bens, de que o constituo herdeiro universal, e os quaes estão na posse do morgado de Louredo, Claudio de Castro...

— E traz esse documento comsigo, não é verdade?

— Nunca me abandonou mais esse papel, que depois da minha morte, ha-de fallar nos tribunaes d'um crime monstruoso em que lhe cabe inteira responsabilidade.

— Forjava então um processo de reivindicação... Quantas cousas! Nullidade de casamento, perfilhação d'um filho illegitimo, completa restituição de bens... A minha ruina, a minha perda... Ora reconsidere, e em vista d'este argumento, e firmou serenamente a pontaria da arma que tinha na mão, restitua-me o socego futuro entregando-me esse documento compromettedor para mim, que daria logar a um processo escandalosissimo, e que se fosse sentenciado a seu favor levar-me-hia até aos degraus d'um patibulo.

— Não entrego. Arranque-m'o embora depois de me ter morto, é mais um crime que lhe falta praticar. Fira sem piedade. Mas a minha maldição alem do tumulo ha de perseguil-o insistente e cruelmente. Povoar-lhe-ha o somno de phantasmas horriveis, que hãode torturar-lhe o espirito e abreviar-lhe os dias da demencia. Ha de apparecer-lhe essa creança a quem tenta roubar a herança de sua mãe, a pedir estreitas contas ao ladrão e assassino d'ella, e então por sua vez começará uma longa expiação terrivel como os crimes de que é culpado.

E vendo que o morgado ficára mudo, talvez porque n'um momento de fraqueza deixára apossar do seu cerebro a realidade de um futuro cheio de martyrisadores remorsos, avançou serenamente para elle e disse-lhe tomando de novo uma resolução:

— Afaste-se, deixe-me sair...

E rapida como o pensamento desviou Claudio com um impulso e correu para o portão que alcançou d'um salto.

Mas n'esse momento ouviu-se uma detonação e Anninhas caiu ferida já fóra do convento, isto é, no momento em que recobrava a sua liberdade.

— Acabou-se tudo. Agora não fallará.

Effectivamente Claudio de Castro desfechára tão rapido e com tal firmeza de pontaria que a bala alcançou a cabeça de Anninhas a distancia apenas d'uns cinco passos, produzindo-lhe uma queda desamparada de bruços sobre as lages do atrio; e, correndo para ella rasgou-lhe no peito o habito e ahi procurou convulsamente esse documento fatal de que a morgada lhe fallára.

Lá estava, sim, devia ser aquelle, um papel dobrado e mettido n'um envolucro de sêda preta. Claudio guardou-o precipitadamente.

Era tempo de se afastar do cadaver.

Approximavam-se alguns soldados armados. Eram destinados a fazer as sentinellas exteriores do convento. O official que dirigira o assalto entendera que para dormir descançado seria conveniente fazer guardar todas as portas que tivessem communicação para fora.

Claudio de Castro afastou-se immediatamente cobrindo o rosto com o chapeo e com rebuço da capa.

E fazia bem em tomar esta precaução, porque, á excepção da rua dos Infantes, em todas as outras se notava uma agitação extraordinaria, apezar da adiantada hora da noite, e com facilidade reconheceriam o morgado de Louredo.

(Continúa) *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

XI

Recebemos de seus illustres auctores: — Relatorio apresentado á camara municipal de Lisboa pelo sr. Caetano Pinto sobre a *Instrucção primaria em Paris*; — *A fabrica de faianças das Caldas da Rainha*, por Joaquim de Vasconcellos; — *Episodios militares e casos contemporaneos*, ethnographias portuguezas por F. Sá Chaves. *A Morta* por Henrique Lopes de Mendonça.

O Relatorio do nosso amigo Caetano Pinto sub-director do serviço geral de instrucção municipal, é um livro de mais de duzentas paginas escripto com o estylo alevantado, elegante e correcto, temperando a forma official, burocratica com a brilhante simplicidade que caracterisa todos os trabalhos litterarios de Caetano Pinto.

Em sessão de 21 de agosto de 1889 foi este nosso amigo encarregado de estudar em Paris

assumptos relativos á instrucção municipal e de fazer um relatorio d'esse estudo. E' dividido o livro em duas partes; referindo-se a primeira ás *Escolas de Paris*, e a segunda *Na Exposição*, onde o auctor trata exclusivamente das escolas municipaes na exposição universal de Paris.

O relator no prefacio da sua obra presta justa homenagem aos verdadeiros iniciadores da instrucção primaria da França, J. Simon e J. Ferry não esquecendo os collaboradores da grande obra de regeneração do espirito francez, esses nomes brilhantes que esmagaram para sempre a compadrice e rotina do segundo imperio P Bert, Lacroix, Spuller, R. Goblet, Berthelot, L. Faye, Wallon, Duvaux, Fallières, etc — depois passa a tratar da organisação geral do ensino na republica franceza.

Referindo se á academia ou circumscripção escolar do departamento do Sena, diz o nosso amigo:

«Todas as repartições estão installadas junto do gabinete da direcção no pavilhão de Flora, nas Tulherias. Tive occasião de vizitar algumas das repartições citadas, onde se administram superiormente os negocios da instrucção municipal, e fui testemunho do afan com que ali se cuida dos interesses do ensino, da utilidade das escolas, do bem estar dos alumnos. Quiz deter-me algum tempo n'essas casas de trabalho, onde muito bem poderia colher elementos de estudo e talvez processos novos, que me fossem ensinamento e guia em serviço similar, que terei de realisar no exercicio do meu cargo na camara municipal de Lisboa. Obstou a isso a delicadeza com que era preciso corresponder á confiança, com que mr. Chautemps, o primoroso cavalheiro, que presidia ao municipio de Paris, me havia distinguido, pondo no alcance da minha vista os vastos arsenaes da instrucção primaria parisiense. Não me convidaram a examinar; não devia eu solicitar importunas concessões. Resignei-me a vêr, em rapido golpe de vista, a apparente boa coordenação dos documentos, o cuidado, sem *cachet* burocratico, dos empregados da tarefa, a que se entregavam, e não foi sem surpreza que vi a ausencia do mobiliario grave e pesado das secretarias, a ausencia de umas commodidades appetecidas e apreciadas pelos que vivem um dia inteiro sentados a uma mesa de repartição. Quasi que não se distinguia a mesa do chefe da dos outros empregados; todas se confundiam n'uma democracia invejavel aos que não vivem de exterioridades Denunciava o material, e oxalá que a minha vista me não trahisse! que se respirava ali um bem estar moral de dever cumprido e comprehendido, com aspiração só no trabalho, que merecesse a confirmação d'aquelle bem estar. Até n'isto Paris dava lição a um estrangeiro».

Se em Portugal se descrevesse assim uma repartição, fazia-se um inquerito para saber que repartição era esta que não admittia hierarchias, e o chefe era naturalmente demittido...

Caetano Pinto diz-nos depois o que são as *Commissões municipaes escolares*; *caixas escolares* com mappas estatisticos muito elucidativos; *frequencia escolar* descreminando entre sexos, a frequencia de varões em Paris dá 66 626 e a de raparigas 54.775 — total nas 365 escolas dos vinte districtos de Paris, 121.401 alumnos: *Escolas maternaes* com o respectivo regulamento applicado ás cento e vinte e sete escolas; *Escolas infantis* todas regidas por professoras; *Escolas de instrucção elementar* seguidas do programma de ensino, comprehendendo — *educação phisica*, *educação intellectual* e *educação moral*; programma para a construcção das escolas; *Escolas complementares*, numero de cursos, frequencia de 806 varões e 1.016 raparigas; *Escolas primarias superiores* com os seus respectivos programmas e sendo obrigatorio o ensino militar; *Escolas profissionaes*, viu Caetano Pinto só a denominada *Diderot* porque não entrava na sua missão o estudo de industrias, comtudo sempre nos indica a existencia das escolas: — *Boule* para as industrias de mobilario, Physica e chimica industriaes, *Germain Pilon* e *Bernard Pallissy* de applicação ás artes de desenho, *Estienne* para as industrias do livro. Estas escolas são para o sexo masculino. Para o sexo feminino ha as escolas profissionaes, das ruas Fondary, Bossuet, Bouret, Gannerou, Poiton, e de la Tombe Issoire. — E termina esta primeira parte com a resenha dos estabelecimentos de instrucção que o conselho municipal de Paris sustenta, e que são os seguintes: 127 escolas maternaes, 18 escolas infantis, 365 escolas elementares, 48 classes complementares, 8 escolas primarias superiores, 12 escolas profissionaes, 65 bibliothecas populares. E subsidia escolas livres de ensino elementar, primarias e superiores, livres de dezenho; cursos para adultos e aprendizes, especiaes de sciencias e artes; caixas escolares, e de pupilos; recolhimento de orfãos; colonias escolares e alumnos de reconhecido merito.

Na segunda parte trata, o mesmo illustrado funccionario e nosso bom amigo, da representação escolar da exposição universal de Paris, collocada no *Grupo II* e na *Classe VI* sobre educação e ensino, material e processos das artes liberaes, — educação da creança, ensino primario, ensino dos adultos, ensino technico.

Não notaremos a parte relativa á exposição porque bem larga noticia deu já, o OCCIDENTE, a tal respeito quando tratou exclusivamente da Exposição de Paris. Diremos comtudo que esta parte está sabiamente observada por Caetano Pinto, e é um largo repositorio de conhecimentos applicaveis na pratica para o estudioso e para os que se interessam pelo desenvolvimento material e intellectual do nosso paiz.

Caetano Pinto termina o seu instructivo trabalho com uma detalhada visita pelas installações de instrucção publica da Belgica, Suissa, que elle considera exemplar, dos Paizes Baixos ou Hollanda, Gran Ducado de Luxemburgo, Servia, Russia, Roumania, Suecia, Noruega, Inglaterra, Dinamarca, Grecia, Italia, Portugal, Egypto, Japão que possue 25:530 escolas primarias frequentadas por mais de tres milhões de alumnos, Estados Unidos da America do Norte, Republica Americana de S. Salvador, S. Marino, Republica Argentina e o Brazil.

A primeira impressão que nos assalta o espirito ao folhearmos o relatorio sobre a instrucção de Paris por Caetano Pinto, é a forma orientada, logica, como está disposto o trabalho; em seguida á leitura, fica nos no espirito a admiração pelo facto singular de se ter mandado ao estrangeiro um funccionario de superior intelligencia que soube cumprir por completo a sua difficilima missão.

Por este facto, está-nos parecendo que o não encarregam de mais nenhuma. N'este desgraçado paiz succede assim, em geral. Será o municipio de Lisboa uma excepção. Com surpreza, mas com sincero agrado o felicitamos.

Ao nosso talentoso amigo Caetano Pinto agradecemos a valiosa offerta do seu precioso livro pedindo que lucte contra todos os obstaculos, e continue no santo empenho do desenvolvimento da instrucção nacional — unico modo ainda de levantarmos cabeça.

* * *

A Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, é um elegante opusculo, bella obra de impressão que honra sobremaneira a *Typographia Occidental do Porto*.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, escriptor portuense bastante conhecido pelo seu talento e vasta erudição, é o auctor do opusculo.

Este trabalho de Joaquim de Vasconcellos é um eloquente appello em favor d'esta fabrica modelo, unica, no genero, em Portugal. Os fundamentos com que o auctor firma o seu pedido para que o Estado auxilie com um subsidio a fabrica de faianças das Caldas da Rainha, são distribuidos em seis paragraphos sob o principio de que ella produzio em bem do paiz nos quatro annos de laboração.

1.º — Ressuscita o nosso antigo azulejo artistico, pela perfeição do fabrico, pela belleza dos padrões pelo brilho e esmalte das côres, incluindo os formosissimos effeitos do reflexo metalico. Não só imita perfeitamente os exemplares antigos, mas cria magnificos typos novos, servindo se de elementos decorativos nacionaes, ineditos. Póde affirmar-se sem receio de exageração, que o fabrico moderno excede o antigo no azulejo polycromico de relevo. O liso ainda não foi experimentado.

2.º — Cria um typo novo de telha, que pelo effeito decorativo, condições de leveza, facilidade e economia da montagem e pelo seu modico preço, deve dar optimos resultados economicos, quando fabricada em larga escalla.

3.º — Eleva a faiança decorativa a um grau de perfeição technica e artistica, verdadeiramente excepcional Não só sahiram innumeras formas e combinações da imaginação fecundissima do director artistico, mas muitas d'essas fórmas e concepções adquiriram fóros de extraordinaria popularidade. Graças á ceramica, a arte industrial começou novamente a emocionar as massas, a infiltrar uma gota de sentimento artistico na alma popular.

4.º — Inicia o fabrico de uma faiança resistente — a verdadeira louça nacional da familia portugueza, banindo os assumptos chinezes, as caricaturas á ingleza, á hollandeza e outras, que durante meio seculo tyranisaram o sentimento, o gosto, e os nervos dos nossos paes e avós, e os nossos proprios! As nossas tradicções, usos e costumes, as nossas festas e lendas, os typos populares, a nossa fauna e a nossa flora ornamental entrou emfim na mais popular e na mais antiga de todas as nossas artes industriaes.

5.º — Educa e cria um pessoal operario exclusivamente portuguez, depois de cinco annos de esforços e de sacrificios, provando mais uma vez que o pessoal estrangeiro quasi nunca se sujeita a ensinar com dedicação, e rarissimas vezes compensa os beneficios que as emprezas nacionaes lhe dispensam.

6.º — Funda e alimenta no mesmo curto espaço de tempo todo o fabrico com barros e argilas exclusivamente nacionaes.

Quem alguma vez visitou a fabrica de faianças de Bordallo Pinheiro, e viu n'esses oito hectares de terreno os elegantissimos chalets, as officinas, fornos e casas de machinas, d'aquelle delicioso sitio ao sul da villa das Caldas, e entrando ali visse o grupo de aprendizes, rapazes sadios alegres, adorando o seu mestre, sentia se levado n'uma onda de sympathia por aquella athmosphera de trabalho, de arte, de camaradagem; o talento, o gosto educado ali estava nos jarrões ornamentados, nas talhas da louça artististica, na combinação dos azulejos que lembram a *Bacalhôa* do filho do grande Affonso de Albuquerque; na louça decorativa, nos typos patrioticos da louça, os brilhantes modelos originaes da louça artistica.. Quem alguma vez visitou aquella encantadora mansão do trabalho, não póde evitar que os olhos se lhe marejassem de lagrimas ao pensar que todo aquelle mundo artistico vae hoje desapparecer na valla insondavel do olvido, se o governo não tomar a si a propriedade d'aquella riqueza nacional. Se os governos se podessem esquecer, por um momento, que não existe essa nojenta cousa que entre nós se chama *eleições*, — e repellissem com o pé uma ou outra bem indigna que ha para ahi chamada machina eleitoral, — e olhassem a fabrica das Caldas instituindo-a em estabelecimento do Estado, fosse qual fosse, esse governo, bem merecia da Patria.

O exemplo ahi está na *Imprensa Nacional*, na *Fabrica de instrumentos de precisão*, do Instituto Industrial de Lisboa, a *Casa da Moeda* e *Cordoaria Nacional*, a attestarem quanto o Estado lucraria chamando a si a manutenção das faianças das Caldas da Rainha, como fez a França para a fabrica de Sèvres.

Agradecendo a offerta do livrinho de Joaquim de Vasconcellos, fazemos votos para que ella seja lido por toda a gente que ainda se interessa pelas cousas portuguezas. E assim, é possivel que o appello do illustrado escriptor seja attendido pelos altos poderes da nação.

Como nos falta espaço, fallaremos em outro artigo dos livros dos illustres escriptores Sá Chaves, Joaquim de Vasconcellos e Henrique Lopes de Mendonça.

Manuel Barradas.

NOVIDADES DA SCIENCIA

CONSERVAÇÃO DAS BATATAS. — M. Schribaux obtem a perfeita conservação das batatas mettendo-as em agua á qual se addiciona 1, 5 a 2 por cento de acido sulfurico commum.

Em uma das ultimas sessões da Sociedade de Agricultura de Bruxellas M. Prillieux patenteou aos olhos dos membros da sociedade algumas d'estas tuberosas conservadas em perfeito estado 18 mezes depois d'este processo, não tendo ellas perdido nenhuma das suas qualidades alimenticias.

NOVA PROPRIEDADE DE ENXOFRE DERRETIDO. — Uma curiosa propriedade de enxofre em fusão acaba de ser communicada á sociedade promotora da industria nacional por M. Lepierre.

Se se deixar correr enxofre derretido sobre uma folha de papel contendo caracteres impressos ou traçados a tinta ou a lapis, o enxofre se encarrega da materia corante, e, depois de esfriar, apresenta uma prova inversa da imagem que se achava no papel.

Deve-se ao acaso esta descoberta chimica que póde trazer uteis resultados ás industrias.

MONTANHA DE SILICATOS PUROS. — Uma descoberta de inapreciavel valor é assignalada no Kamouraska, baixo Canadá.

Segundo um correspondente de Quebec descobriu-se ali uma montanha inteiramente formada de silicatos ou pedra vitrificada, tendo 98 por cento de silicato puro.

Emprega-se para a fabricação de um bellissimo vidro e diz-se que em parte alguma do continente americano existe silicato d'essa pureza.

Um syndicato propôz ao governo provincial garantir um interesse de 4 por cento, durante 10 annos, com o capital de noventa contos de reis no caso que uma companhia local venha a formar-se para desenvolver esta nova industria.

O governo examinou essa proposta e resolveu sustental-a se a municipalidade interessada se prestar a assumir parte do risco.

Papel ou cartão incombustivel. — As materias empregadas para esse fim são as seguintes: 40 p. c. de massa de papel, 10 p. c. de sulphato de ferro ou tungstato de soda, 10 p. c. de graphite ou pós de sapatos ou qualquer outro colorante.

25 p. c. de saibro.
15 p. c. de arbesto.

Junta-se a esta mistura de sicicato de soda e sorve-se tudo em uma pilha ordinaria. Depois fazem-se passar as materias em suspensão sobre uma machina propria, secca-se, e revestem-se de uma camada de silicato as duas faces da folha.

Diminuindo a proporção da massa de papel e augmentando a de saibro cresce a incombustibilidade e o cartão obtido será muito conveniente para assobradar casas, tectos e outros empregos nas construcções.

MUMIFICAÇÃO METALICA GALVANICA

Um inconveniente do telephone entre Paris e Londres. — O telephone entre Paris e Londres — diz o *Moniteur Industriel*, que o transcreve do *Cosmos* — não parece corresponder a todas as esperanças que n'elle fundaram os amantes do progresso.

Os francezes e os inglezes que, pela primeira vez, pediram a communicação telephonica estão maravilhados... por não se entenderem uns aos outros!

O telephone transmitte todos os sons, mas esses sons chegam de tal sorte estropeados aos seus destinos que se tornam absolutamente incomprehensiveis!

A principio julgou-se que esse facto seria occasionado pela imperfeição do instrumento mas depois veiu a conhecer-se que as causas eram inteiramente outras.

Com effeito, pessoas da mesma nacionalidade fallando a lingua materna, conseguem fazer-se entender, mas os francezes communicando-se com inglezes, os sons, que não podem deixar-se sahir senão imperfeitos, difficilmente se deixam comprehender.

Todos nós sabemos que póde escrever-se muito bem uma lingua estrangeira; lel-a correntemente, mas quando se pretende falal-a encontram-se difficuldades na pronunciação.

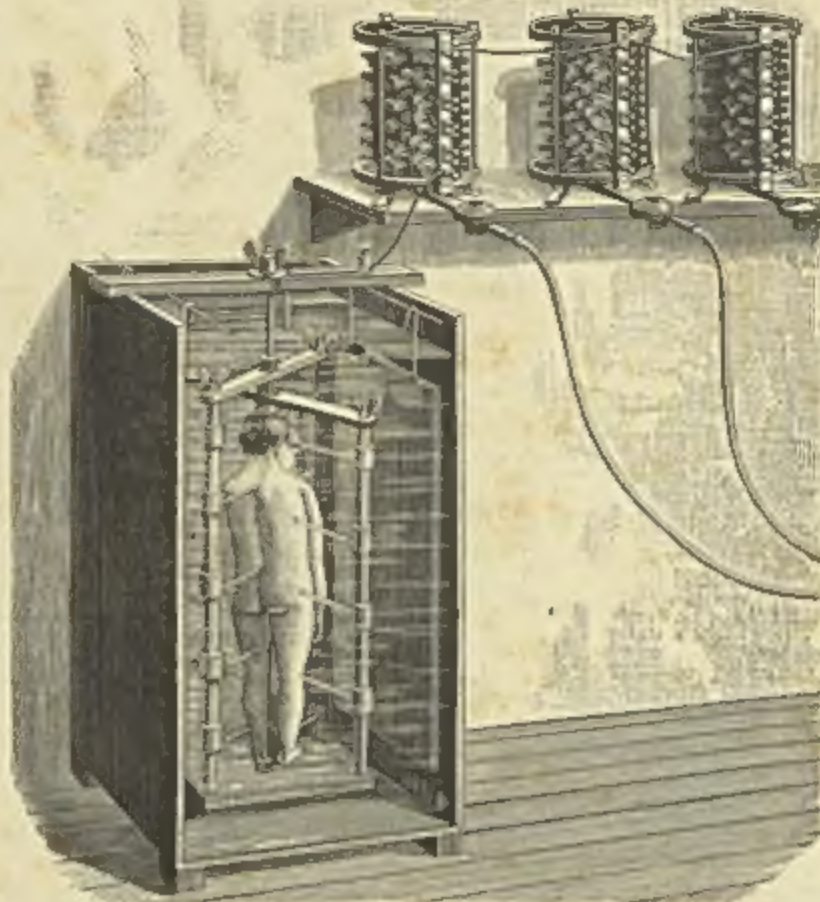
Essas difficuldades produzem-se em alto grau no telephone e é devido a essa singular circumstancia que muitas pessoas teem renunciado a pedir a communicação e teem retomado o antigo systema de correspondencia pelo telegrapho onde ha apenas *ler*, o que é muito mais facil.

Em vista d'esta *embaraçosa transmissão* parece que vae adoptar-se o emprego de interpretes. Esse alvitre, evitará a que não vejamos o maravilhoso telephone, que tanto promettia, completamente posto de parte.

Que bello argumento para os partidistas d'uma lingua universal!

S. P.

REVISTA POLITICA

Continua predominando a crise monetaria, e é ella que mais aggrava a situação difficil que o paiz atravessa.

As providencias governativas não tem conseguido debelar o mal, e aquella providencia que está sendo lembrada e pedida por tantos e que nós fomos dos primeiros a alvitrar, a da prohibição do agio na compra e venda da moeda nacional, só apparece em promessas pela bocca dos orgãos governamentaes, sem se saber que causa mysteriosa impede que seja decretada.

Nós matutamos muito com os nossos botões, sobre este respeito que o governo conserva pelas liberdades publicas, tratando se de uma liberdade que está sendo despotismo para a maior parte, como todas as liberdades de que se abusa, e muito fortes devem ser os motivos que o governo tem para não lhe tocar, e antes vir reconhecer como legal essa agiotagem desenfreada que se está fazendo com o genero moeda, publicando uma portaria em que colecta esta nova industria nas pessoas que a exercerem.

Não ha nada para cohibir um abuso como é legalisal-o, e se nós fossemos dos taes que exercem essa *industria*, pagariamos de muito boa vontade os 300$000 de imposto annual que nos punha ao abrigo da lei em um negocio em que ganhavamos cem vezes esse imposto.

Mas como hade ámanhã o governo prohibir uma industria que na vespera colectou e, portanto, reconheceu como legal?

Não teria sido melhor principiar por prohibil-a?

Para que tantas delongas em decretar uma medida que mais póde concorrer para deminuir as difficuldades da circulação da moeda?

Tudo isto são perguntas a que os orgãos mais auctorisados da situação respondem: que o governo deve ter uma orientação segura e um plano assente de que o publico apenas conhece a parte que vae sendo posta em execução, e que, portanto aguardemos todos com paciencia o resultado d'esse plano.

Aguardando estamos todos ha muitos annos os resultados dos varios planos de varios governos; aguardando estava o paiz quando rebentou o *ultimatum* de 11 de janeiro! e não tem sido por falta de aguardar os resultados que estes tão desgraçadamente tem demonstrado a incapacidade dos nossos politicos.

Não são os politicos d'hoje differentes dos que eram hontem, e todo o mal de que enferma a sociedade portugueza está em não vêr outros melhores.

Mas o que não tem remedio remediado está, e se não houvesse esta phrase consoladora, era preciso invental-a para liquidar todos os erros passados e quiçá os presentes.

E emquanto barafustemos na maneira de encontrar algumas moedas de prata ou cobre para pagarmos as nossas modestas refeições, temos o prazer de ler diariamente nos jornaes as demissões de uns administradores e a nomeação d'outros com que muito disfarçadamente se vae montando a nova machina eleitoral que é incontestavelmente de que o paiz mais precisa.

Cada terra com seu uzo e cada roca com seu fuzo. Por cá é isto que se vê. Sem umas eleiçõesinhas, uns conselheiros e uns commendadores ou cavalleiros, não se faz nada. O resto vem depois.

Para os que não se contentam com os crachás, sempre se arranjam uns empregosinhos, e não ha leis que não deixem alçapões, nem promessas de emenda que se confirmem com sincero arrependimento.

Mas não são os governos os unicos culpados, são mesmo os que menos culpa tem, desde que se deixaram enredar pelas influencias politicas que se resumem em outras tantas beneses; governo que não attenda a essas influencias não tem condições de vida, de que resulta o governo não viver para governar o seu paiz, mas sim para contentar os politicos que o cercam, dando-lhes alguma cousa para lhe sustentar a ociosidade da maior parte d'elles.

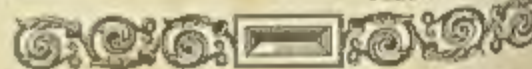
Por aqui se póde bem imaginar a admiração com que foi recebido o decreto de 23 de julho, que vem regulamentar as disposições da lei de meios na parte que se refere as vacaturas dos empregos publicos, ao abono dos vencimentos e accumulações dos empregados do estado.

Não ha, porém, motivo para sustos. A lei de meios, como o decreto que a regulamenta, deixa as sufficientes portas de sahida para salvar quem tiver merecimentos para ser salvo, e até quando diz que nenhuma vacatura poderá ser preenchida senão no fim de cada trimestre em que se tiver dado, abre excepção para os casos de urgencia de serviços, e escusado será lembrar que esses casos devem ser muitos.

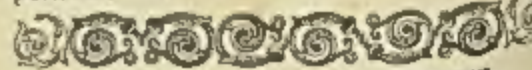
Aqui se vê a dificuldade de legislar no meio da brandura dos nossos costumes, e não haveria vida melhor se as necessidades do thesouro a deixassem levar.

O peior, porém, é que essas necessidades são cada vez mais imperiosas, porque as causas que as determinam, não cessaram ainda nem cessão de repente, e por isso é que se torna verdadeiramente dificil, impossivel até, attender ás necessidades de cada um sem comprometer as do thesouro.

Para isto é que é preciso ter paciencia, porque não ha bem que sempre dure, nem mal que não se acabe.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

L'Avenç *literari, artistic, cientific, revista mensual illustrada*, Barcelona. E' escripta em catalão que deffere bastante do espanhol para que a possamos apreciar devidamente, entretanto pelos assumptos de que trata vêmos que deve ser publicação importante.

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1892

Já principiou a impressão d'este almanach que deve sahir brevemente.

Recebem-se annuncios na *Empreza do Occidente*.

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43